

MENSAGEM

A atual geração de militares em serviço desfruta do raro privilégio de viver, de forma direta, o ambiente do Processo de Transformação do Exército Brasileiro, que vem ocorrendo no âmbito dos seus diferentes vetores.

Em suas diretrizes para o período de 2011 a 2014, o Sr Comandante do Exército, Gen Ex Enzo Martins Peri, assinala que o Sistema de Ciência e Tecnologia do Exército (SCTEx) "...é essencial como indutor do Processo de Transformação da Força". O peso específico dessa afirmação confere ao SCTEx uma responsabilidade protagonista em relação aos objetivos a serem alcançados e corrobora a percepção universal de que a tecnologia é a alavanca capaz de mudar as feições da sociedade e de estabelecer a forma como viveremos no futuro.

Reduzida aos interesses da Força Terrestre, a tecnologia determinará a evolução da doutrina de emprego e proporcionará o poder de combate que, em última análise, representarão a capacidade da Força em preservar, no âmbito das suas missões, os interesses nacionais de soberania, de paz social e de progresso.

A análise da missão atribuída ao SCTEx permitiu que o Departamento de Ciência e Tecnologia identificasse as principais ações a realizar, principalmente para preparar o Sistema para os desafios que deverá enfrentar no curso dos próximos anos. Dentre as áreas do preparo do Sistema, gostaria de destacar e comentar brevemente algumas delas, uma vez que esta edição da "Doutrina Militar Terrestre" traz, também, um completo artigo sobre as bases de transformação do SCTEx.

A área mais crítica, capaz de fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso, é a relativa à capacitação de recursos humanos voltados para a tecnologia. Em um mundo de rápida evolução, este não é um tema trivial, pelo contrário, é o mais crítico dentre todos que possamos elencar. Obter, manter e atualizar recursos humanos em C&T depende de um número enorme de

fatores, nem sempre controláveis e sujeitos a um nível crescente de entropias, à medida que se tornam mais especializados e raros. Esta foi, portanto, a abordagem principal da missão, que está hoje consubstanciada em um planejamento ambicioso, com grandes riscos, é verdade, mas suficientemente robusto e plástico para se adaptar a mudanças de cenários, desde que não caóticas. A aproximação dos entes interessados na Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) de produtos de interesse da defesa, em um ambiente fortemente colaborativo, foi a forma adotada para enfrentar este primeiro grande desafio, conforme detalharemos no artigo já mencionado.

Outra área disruptiva para o processo de transformação refere-se à capacidade do sistema em multiplicar as suas próprias "capacidades", em um processo que poderíamos denominar de "simbiose produtiva", que tem por base uma extensa rede de colaboradores, dentro e fora do País, representados principalmente pela academia e por centros de excelência, onde as demandas do SCTEx possam ser implementadas e aceleradas, valendo-se da expertise dos entes associados ao sistema. Trata-se de uma abordagem já experimentada pelos centros de P&D de defesa de vários países, com destaque para os EUA, onde a participação de atores externos ao âmbito militar resulta na obtenção de soluções mais rápidas e inovadoras, para problemas complexos e inéditos.

Para não alongar demasiadamente este prefácio, mencionaríamos, ainda, a área relativa ao espectro de tecnologias de interesse da Defesa, em particular da Força Terrestre. O espectro dessas tecnologias é muito amplo, exigindo, portanto, uma seleção de frente, para não correremos o risco de, dispersando o esforço disponível, incorreremos em uma quantidade exagerada de fracassos, que apesar de esperados, devem ser mitigados ao máximo. Com essa perspectiva, algumas áreas da tecnologia foram contempladas, destacando-se a Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC), a Defesa Cibernética, os veículos robôs (terrestres,

aquáticos e aéreos), os sistemas de guiamento e de georreferenciamento, a tecnologia de materiais, a defesa QBNR, os sistemas de energia, além de algumas outras.

Como exemplos de P&D de produtos militares já contemplados, ao menos parcialmente, por uma nova metodologia de obtenção, podemos citar o radar M20 de vigilância terrestre, o Radar M200 de vigilância aérea, o Rádio Definido por Software (RDS), a atualização do Sistema C2 em Combate e produtos derivados, o Míssil SS de longo alcance e os foguetes SS 40 com precisão melhorada. Na fase de concepção, estão as novas versões da viatura blindada Guarani 6x6, as versões 8x8 e 4x4, o Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP) Classe 1 e viaturas blindadas sobre lagartas derivadas da família Guarani, estas ainda conceituais.

Assim, mesmo antes de partir efetivamente para o seu processo de transformação, o SCTEx já apresenta um peso ponderável em relação aos itens de produtos militares que equipam ou que irão equipar a Força em futuro próximo. Acreditamos que sob, uma nova perspectiva de gerenciamento, apoiada por recursos humanos de alta especialização e contando com a sinergia de uma ampla rede de colaboradores, o Exército Brasileiro conseguirá obter de forma autóctone, nos próximos 20 a 30 anos, quase que a totalidade dos itens de que necessita para qualificar-se como o Exército de um grande País.

